

# Seringueiros podem ser indicados para o Nobel

Rio Branco — José Varella

RIO BRANCO — As entidades internacionais de defesa do meio ambiente que estão representadas no 1º Encontro dos Povos da Floresta e 2º Encontro Nacional dos Seringueiros iniciaram ontem, na capital do Acre, uma articulação para indicar o Conselho Nacional dos Seringueiros para o Prêmio Nobel da Paz deste ano. A idéia foi trazida ao Brasil pela Liga para o Ambiente, da Itália, que já conseguiu o compromisso do Greenpeace e da Sociedade Amigos da Terra de encaminhar a sugestão.

A representante do Greenpeace em Rio Branco, Tani Adams, apesar de ressaltar que não podia tomar a decisão de apoiar a iniciativa da liga italiana sem antes consultar a junta diretora de sua entidade, acredita que a proposta de indicar o Conselho Nacional dos Seringueiros para o Prêmio Nobel da Paz é um gesto político importante e poderá ganhar força na Europa. Roberto Esmeraldi, da Sociedade Amigos da Terra, reconheceu que o gesto pode contribuir para chamar a atenção da opinião pública internacional para a violência na região amazônica, mesmo ressaltando que o assassinato do líder sindical e ecologista Chico Mendes foi suficiente para atrair as atenções do exterior para o Brasil.

O atual presidente do Conselho Nacional dos Seringueiros, Osmarino Amâncio, disse que a iniciativa da entidade italiana é importante para a luta dos seringueiros e índios para acabar com a violência na região. "Já morremos muito", desabafou.

"Só depois do assassinato do Chico, o mundo lá fora passou a acreditar na violência daqui", observa Osmarino, lembrando que muitos líderes do movimento dos seringueiros estão com "a cabeça a prêmio". Na sua opinião, a repercussão internacional em torno da violência na Amazônia "é a única forma de intimidar a UDR, que não se preocupa com a ação da Justiça brasileira".

O Encontro dos Povos da Floresta foi aberto oficialmente no sábado à noite, numa solenidade no ginásio coberto de Rio Branco, com a presença de representantes de entidades sindicais, artistas e



O índio e o seringueiro vestiram trajes típicos

políticos. O pajé da nação Kampa, Lopes Davi, fez uma pajelança para abençoar o encontro, depois que um seringueiro e um índio, vestidos com roupas típicas, caminharam abraçados em volta do ginásio para simbolizar a aliança dos povos da floresta. A viúva de Chico Mendes, Ilzamar, emocionou-se e chorou com uma homenagem prestada ao líder morto.

Os organizadores do encontro, segundo ressaltou a diretora do Instituto de Estudos da Amazônia, Mary Helena Alegretti, não têm a intenção de repetir o impacto político da reunião de nações indígenas em Altamira, no Pará, mês passado. "Essa é uma oportunidade de propiciar a troca de experiências entre índios e seringueiros, dois povos que encontram dificuldades de sair das matas para discutir seus problemas. Não é como os encontros de classes trabalhadoras da cidade, que já chegam às reuniões com as idéias articuladas", explicou Mary.

Até a presença do grupo norueguês de rock A-Ha foi adiada para o final do encontro, que vai até o dia 31, para evitar que a reunião ganhasse caráter de *happening*. O grupo A-Ha está em Porto Velho, Rondônia, no início de um giro para conhecer a região amazônica. (A.F.)

## Partidarização é criticada

Silvio Martinello

O governador do Acre, Flaviano Melo, apesar de convidado para o 1º Encontro dos Povos da Floresta, preferiu mandar um representante. Ele, que cedeu o local onde se realiza o encontro e onde está hospedada a maior parte dos participantes, disse que o Partido dos Trabalhadores (PT) monopolizou a reunião. Ele defende a construção da estrada para ligar o Acre ao Oceano Pacífico.

"Como convidado, não posso ir a uma reunião na qual sei que serei cri-

ticado", reclamou Flaviano. O ex-reitor da Universidade do Acre, Moacir Fecury, também critica os rumos do encontro: acha que a questão ecológica não pode ser monopolizada por partidos políticos. Mesmo da esquerda vieram críticas: o ex-deputado pelo PDT do Rio, Carlos Fayal, e sua companheira Zora Motta, foram ao encontro sem convite, embora representem em Rondônia o movimento Salvação da Amazônia. "Enquanto isso, estrangeiros que chegaram à região há um mês estão dirigindo os trabalhos do encontro", queixa-se Fayal.